

A CAMINHO DA PLENITUDE DA VIDA

1. EXPERIÊNCIA

Ao longo do itinerário da catequese o cristão procurou descobrir a vida cristã como um projecto de amor e liberdade. Sentimo-nos chamados por Cristo a ser artífices deste projecto de comunhão com Ele. Foi nesta perspectiva que compreendemos os mandamentos e os sacramentos. Isso ajudou-nos, também, a descobrir como, com Cristo, podemos dar verdade, liberdade, amor, alegria, beleza e felicidade à nossa vida no mundo - à nossa própria vida e às dos outros. E, contudo, ao fim de cada dia, cada um experimenta como nunca deu e recebeu suficiente amor, suficiente verdade, alegria e felicidade. Continuamos a viver sempre rumo a um novo amanhã, investindo as nossas energias e os nossos talentos, na esperança de que seja melhor.

Um dia, porém, soa para cada um de nós a última hora do relógio da vida. Como todos os homens, também os cristãos conhecem o mistério da morte. *E depois? Não subsiste realmente nada do homem? Desaparece completa e definitivamente? O conhecimento e o amor de uma vida humana são cortados de repente e definitivamente pela morte? Que vem depois? Há algo mais? Mais justiça, mais liberdade e amor, mais felicidade? Quais as novidades últimas (novíssimos) acerca da vida do homem?*

A resposta da fé cristã é inequívoca: o homem e o mundo estão chamados a uma plenitude definitiva de vida em Deus vara além da morte. É assim que conclui a nossa profissão de fé. *“Esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do inundo que há-de vir”*. O futuro em que o cristão crê e espera chama-se ressurreição, vida eterna.

Não vai longe o tempo em que a vida eterna era tema obrigatório da maior parte dos sermões, particularmente das missões populares. Fazia parte das grandes verdades da fé. Alguns pregadores saiam em excessos de fantasia e falavam do céu, purgatório e inferno com se conhecessem, em pormenor, os quatro cantos da casa. À inflação deste tema na pregação seguiu-se um quase total silêncio e esquecimento.

A fé na vida eterna tornou-se suspeita não só entre os não crentes, mas até entre os próprios cristãos. Eis um facto ilustrativo desta mentalidade: Um padre encontrou um dia, numa rua, uma mulher que chorava. Comovido, aproximou-se dela e procurou saber a causa do seu sofrimento. Acabava de perder o seu filho mais velho. O padre esforçou-se por confortá-la, falando-lhe de Deus e dizendo-lhe que o filho estava vivo no céu. E ela, no meio das suas lágrimas, respondeu-lhe: *E o senhor crê verdadeiramente que isso é distracção para um rapaz: de vinte anos?!*

Isto mostra-nos como a fé na vida eterna se tomou pouco atraente, pouco considerada e até muito menos desejada. No fundo, muitos pensam e outros dizem-no em voz alta: o que importa é ser feliz neste mundo e preocupar-se só com a vida presente. O Céu é para os pardais ou como diz um poeta alemão: “*O céu abandonamo-lo com prazer aos anjos e aos pássaros*”(H. Heine). Em vez de esperar numa vida no além, não seria melhor lutar por uma vida melhor aqui neste mundo?

Acontece, assim que para muitos cristãos a fé na vida eterna não tem nada a ver com a fé em Deus e em Jesus Cristo. Um dado de sondagens recentes mostra que 40 % dos que acreditam em Deus, não acreditam na vida eterna. Isto quer dizer que um cristão em cada três se professa cristão só para esta vida.

- No nosso meio há interesse pela vida eterna?

- As pessoas de hoje ainda manifestam interesse pela vida eterna?

- O que é que leva as pessoas a perder a sensibilidade e o interesse por esta questão?

- Achais que ela tem verdadeiramente importância para a vida de uma pessoa? Porquê?

- Em que momentos as pessoas sentem e vivem mais esta questão? Porquê?

Por outro lado, estamos hoje a assistir a uma enorme curiosidade acerca do que se passa para além da morte, a uma espécie de febre do mais além: a crença na encarnação, na comunicação dos espíritos (espiritismo), na astrologia (consultar os astros para adivinhar o futuro), etc..

- o que é que suscita esta curiosidade e este interesse?

Enquanto noutras épocas a vida eterna era uma preocupação importante, hoje fica-se com a impressão de que as pessoas têm medo de falar desta questão, e de que o cristianismo só interessa para esta vida. Reduz-se a fé cristã a um mero humanismo de paz, justiça e amor. Mas já S. Paulo advertia: “Se é só para esta vida que colocamos a nossa esperança em Cristo, somos os mais dignos da lástima de todos os homens” (1Cor. 15, 19).

Vamos pois descobrir os fundamentos da nossa fé na vida eterna e a beleza e a grandeza dessa vida definitiva que Deus nos promete.

2. A BOA NOVA DO FIM

2.1. Mais forte que a morte é o amor

A aproximação ao tema da morte muda notavelmente conforme a sentimos ou vivemos na primeira, na segunda ou na terceira pessoa.

A morte na terceira pessoa não tem nada de muito pessoal. Vemo-la à

distância e com a frieza da notícia de jornal ou da imagem do ecrã de televisão. Habitamo-nos a ela. Não nos toca pessoalmente. É um facto estranho, distante, frio. Entra na estatística. É mais um...

Quando, porém, o outro não é um desconhecido, mas antes uma pessoa querida, um amigo, desenha-se imediatamente um rosto, emerge como que dentro de nós uma pessoa que existiu também para nós, fez parte da nossa vida e da nossa história. Então a distância é eliminada. Num instante toma-se presente a nós toda a sua vida. Renasce em nós uma relação com ela, no próprio instante em que se adverte que ela terminou. Isto acontece tanto mais quanto mais intensa foi a relação e nos esteve mais próxima. A sua presença enche o nosso ânimo, como que nos habita e nos acompanha. É a presença de um ausente. Perpetuamo-la na memória.

É por isso que nos cemitérios podemos ler os nomes dos que morreram nos últimos anos. As próprias flores junto dos túmulos dizem-nos que há gente viva que os recorda com amizade e carinho. Os seus filhos, parentes e amigos vivem ainda, conservam a sua imagem, recordam a sua actividade. Na própria vida fazemos a experiência de que uma pessoa uma vez morta, continua, de algum modo, a viver na recordação, na memória daqueles que a conheceram e amaram. É o amor fiel, inquebrantável que faz perdurar mais para além da morte física. Mas só na recordação, no afecto, na memória viva, porque mais o amor humano não pode fazer. Se lhe pudesse dar de novo a vida, fá-lo-ia. Mas também um dia morrerão os que recordam e terminará a recordação viva que lhes davam com o seu amor.

Todo amor verdadeiro e profundo promete e (re)quer eternidade - profunda eternidade. O amor de Deus, porém, além de prometê-la. dá-a, porque Ele é o amor eterno, o Senhor e a fonte da vida. Ele dá o que nenhum amor humano pode dar: Vida eterna, vida em plenitude.

Em Deus, no seu amor, não viverá só a recordação ou a imagem, sombra de nós mesmos, mas o mais próprio do nosso ser, o nosso eu pessoal, na originalidade única e irrepitível de cada um.

2.2. Deus de vivos e não de mortos

A lógica do amor é a única que pode dar razão da origem da nossa vida humana. E é também à única que garante a vocação da vida à eternidade. De facto, só dentro da história da aliança de Deus com os homens é que compreendemos bem o fundamento da nossa fé na vida eterna. O resumo mais breve e mais denso desta história da aliança é a fórmula: *“Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo”* (Ex.3, 7). Ela exprime um amor de pertença mútua, um amor partilhado. Por isso a aliança tem em vista uma comunhão de vida e de destino entre Deus e o povo. Da parte de Deus inclui a promessa de um amor fiel, indestrutível que não só aspira à eternidade, mas também a oferece. Da parte do povo, implica a confiança na fidelidade

inquebrantável de Deus. Assim nasce no coração do povo a esperança alimentada pelo amor fiel de Deus.

É deste encontro e deste diálogo amoroso entre Deus e o homem que surge a esperança de uma vida alternativa à morte. Vários salmos testemunham esta esperança. O crente fiel intui, por experiência de fé vivida, que a morte não pode pôr fim à relação de comunhão com Deus e proclama: *“Tu não me abandonarás à morte, não deixarás o teu amigo conhecer a corrupção”* (Ps 16(15)10). E o autor do Ps 73(72)23.26 exclama: *“Mas eu estarei para sempre contigo. Tu tomas a minha mão direita, guias-me segundo os teus planos e levas-me para um destino glorioso. Não te tenho a ti no céu? E contigo que me importa a terra? Consomem-se o meu coração e a minha alma por Deus, minha herança perpétua”*. Traduzindo por outras palavras um declara: *“Tu, ó Deus, amas-me muito para me deixares permanecer na morte”*. E o outro: *“Eu amo-te muito para não te continuar a amar ainda depois desta vida”*. Ambos fazem uma confissão de fé em Deus e no seu amor que salva para além da morte e que a gente continua a amar para além da morte.

De maneira mais comovedora ainda, esta fé é expressa pela boca dos sete irmãos macabeus que sofreram o martírio pela fidelidade à lei do Senhor, em tempos de perseguição. O mártir é aquele que é fiel a Deus não só na vida mas também na própria morte. A sua morte não pode deixar Deus indiferente. Assim todos eles, na hora do martírio, fazem uma profissão de fé animando-se uns aos outros: *“Tu (rei) exclus-nos desta vida presente, mas o Rei do universo ressuscitar-nos-á para uma vida eterna”*(2Mac.7, 9). Diz-nos o segundo dos irmãos a ser morto e o quarto precisa: *“Mais vale morrer pelas mãos dos homens, esperando ser ressuscitado por Deus, segundo as promessas feitas por Ele”* (7, 14). E, ao lado dos filhos, estava a mãe que a todos animava do seguinte modo: *“O criador do mundo que formou o homem na sua origem e deu existência a todas as coisas, restituir-nos-á, em sua misericórdia, tanto o espírito como a vida, se agora fizerdes pouco caso de vós mesmos por amor às suas leis”*(7, 23).

Nesta perspectiva do amor fiel de Deus, compreendemos agora melhor a resposta de Jesus aos saduceus que negavam a ressurreição: *“Ora. Deus não é Deus de mortos mas de vivos, porque todos vivem para ele”* (Lc.20, 38).

Com esta resposta, Jesus quer mostrar que a fé na ressurreição se situa no coração da nossa fé em Deus. O nosso Deus é Deus de pessoas vivas e não de coisas. Não criou os homens para desaparecerem com insectos. Os que vivem para Deus não podem ficar mortos para Ele. A morte não pode ter a última palavra sobre os que vivem a amizade com Ele e n’Ele põem a sua esperança. Deus não desilude. A ressurreição é uma graça do seu amor fiel e onnipotente.

2.3. A ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição

A fidelidade de Deus e a onnipotência do seu amor, tal como Jesus a viveu e pregou, manifestou-se, de modo particular, na própria morte e ressurreição de Jesus: *“Deus ressuscitou-o rompendo os laços da morte”*(Act.2, 24).

3. VIDA PARA ALEM DA MORTE

3.1. Felizes os mortos que morrem no Senhor

“No coração da vida torna-se presente a morte” - assim começa um conto religioso do séc. XI. De facto, a morte é o nosso “próximo” no meio da vida. Tal como o sono, chega mesmo sem a nossa programação. Está presente como uma ameaça constante, permanente. Isto faz-nos compreender que a vida não é uma conquista, um direito, mas um dom: é-nos dada para um tempo limitado. Não somos proprietários (patrões) mas beneficiários da vida. Neste sentido, a morte determina toda a nossa vida como uma realidade finita e limitada. Marca o fim da peregrinação (caminho) do homem no mundo. Conclui, de modo definitivo, a existência terrestre, o projecto de vida e a configuração que cada homem procurou dar à sua vida, o tempo de responder à graça e à salvação oferecidas por Deus. Por isso, a morte é um desafio a dar sentido e conteúdo à vida. O sentido da morte vem do sentido que damos à vida.

A mensagem (esperança) Cristã ilumina o mistério da morte, ensinando-nos a ver nela mais que o final da existência biológica, a luz da morte de Cristo. De facto, Jesus, filho de Deus feito homem, sofreu também a morte própria da condição humana. E, apesar da sua angústia perante a morte, assumiu-a como um acto de entrega total da sua vida ao Pai: *“Pai nas tuas mãos entrego a minha vida”*.

Assim o Cristão é chamado a morrer com Cristo ou a configurar-se à morte de Cristo, fazendo da morte uma oferta de si. Na morte, termo final, o crente entrega-se totalmente nas mãos de Deus ao qual durante toda a sua vida se foi entregando pouco a pouco. Como diz S. Paulo: *“Nenhum de nós vive para si mesmo e ninguém morre para si mesmo. Porque se vivemos, vivemos para o senhor, se morremos para o senhor. Quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor”*(Rom. 14, 7-8). Então a morte toma-se a última Páscoa do cristão: a passagem - ainda que dolorosa - à comunhão plena e beatificante com Deus em Cristo. Neste sentido o livro do Apocalipse proclama a última bem-aventurança: *“Felizes os mortos que morrem no Senhor”*.

Na morte realiza-se, pois, encontro com Deus. Este encontro será

também para o homem um “Juízo” sobre a sua vida, como afirma S. Paulo pensando numa comparação humana: *“Porque todos teremos que comparecer perante o tribunal de Cristo para receber o prêmio ou o castigo pelo que tivermos feito durante a nossa existência mortal”*(2Cor.5, 10). Quer dizer, perante a luz e a verdade absoluta de Deus, manifestar-se-á a cada um, a verdade plena da sua vida. Cairão as máscaras, as ilusões e hipocrisias e cada um verá se ganhou ou perdeu a sua vida a vida da Bem-aventurança em Deus ou a perdição definitiva.

3.2. A vida eterna: o céu

A imagem mais tradicional com que nos é apresentada a vida eterna com Deus para além da morte é o céu. Porém, ao falar do céu não nos estamos a referir a um lugar por cima das estrelas, o firmamento, mas a algo muito maior e muito mais difícil de dizer. O “Céu” é apenas uma imagem para exprimir a superioridade e a grandeza de Deus e do seu mistério em contraste com a terra em que o homem habita. Passou depois a usar-se para exprimir a plenitude do homem e o estado de felicidade perfeita junto de Deus, participando da eternidade do seu amor.

Para ilustrar este estado de felicidade, o N.T. serve-se de vários símbolos que exprimem alegria, plenitude e comunhão, a partir das nossas experiências humanas de felicidade: o símbolo das núpcias e do banquete que evoca a comunhão pessoal e íntima do amor e a alegria na com Deus e com os outros; o da cidade celeste ou nova Jerusalém onde reinará a beleza e a harmonia na justiça, na paz e segurança; o do paraíso em que os homens convivem em paz, na reconciliação e libertos de todo o medo; o da água viva significativo da vida abundante e transparente; o da árvore da vida que traduz a plenitude da vida que não é ameaçada pela morte.

Mas no centro da realização de todas estas expectativas está a esperança de “ver Deus face a face” (1Cor.13, 12). A visão de Deus não é uma mera contemplação passiva, estática e fastidiosa. Exprime o encontro directo e pleno com Deus que nos revelará toda a abundância da sua vida e do seu amor, nos descobrirá a profundidade do seu mistério. Então experimentaremos, como nunca, a sua presença, que tudo aquece e ilumina, o ser conhecidos e amados por Ele, ser preciosos aos seus olhos, gozando da sua intimidade.

O amor e a dedicação de Deus libertarão todos de tudo o que oprime o homem. Cada um será são e íntegro, como revela outra imagem: *“ Ele enxugará toda a lágrima dos seus olhos: não haverá mais morte, nem luto, nem lamentação ”*(Apoc.21, 4; cf Rom.8, 19ss).

As diferentes imagens mostram as diferentes perspectivas da plenitude da vida eterna. Acontece aqui como com um quadro que pode ser visto, de modo diferente, de cada lado que se observa.

No seu conjunto, estas imagens mostram-nos que a comunhão definitiva com Deus será a realização plena de cada homem e mulher, na singularidade inconfundível da sua pessoa e da sua história. E mostram que o único amor de Deus reunirá os bem-aventurados numa grande comunhão fraterna. Será a realização plena da comunhão dos santos: a realização da solidariedade sem fronteiras raciais, temporais ou espaciais; a verificação do sonho de uma fraternidade universal em que se experimentará plenamente a verdade de que todos somos irmãos de todos.

3.3. O encontro purificador com Deus: o purgatório

O encontro com o Deus Santo exige do homem pureza absoluta. Encontramos esta ideia já na experiência de fé do A.T.: no temor de “*ver a Deus*” em virtude da indignidade, da falta de purificação total para o encontro com Deus. E o N.T. também fala desta experiência na exigência da perfeição: “*Sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito*” ou nas bem-aventuranças: “*Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus*”.

Quanto mais intensa é a nossa comunhão com Deus, tanto mais se adverte a exigência da nossa purificação e o dom da purificação que Deus nos concede. Já agora na vida presente o encontro com Cristo na fé nos submete a um processo de conversão purificadora.

A partir desta experiência de fé, a Igreja, explicitou a doutrina da purificação após a morte, que se chama purgatório, isto é, encontro ou acontecimento purificador. Para o homem que optou radicalmente por Deus e morreu na comunhão com Ele, mas que não realizou esta opção em todas as suas consequências e dimensões da vida, o encontro definitivo com Deus terá uma dimensão e uma força purificadora: purifica, cura, ordena, completa tudo o que nele é ainda imperfeito. Não se trata de uma purificação de manchas, mas do sujeito pessoal, da sua relação pessoal a Deus, a si mesmo e aos outros em ordem ao acolhimento da plenitude do amor de Deus e á integração perfeita nesse amor. Neste sentido o amor de Deus e a sua força santificadora será o “*fogo*” purificador do nosso amor.

3.4. A “morte” eterna: o inferno

Em contraste com a vida eterna, quer o A.T. quer o próprio Jesus e o N.T. falam de uma possibilidade de perdição eterna, para os malvados, os ímpios e os pecadores empedernidos. Trata-se da perda da vida eterna com Deus e do estado de felicidade perfeita. E daí o chamar-se “*morte eterna*”.

Para isso, servem-se de uma série de imagens como perder a vida, ser postos fora do banquete, ficar fora das núpcias, não herdar o remo, não ver a vida. A imagem que mais perdurou na tradição da Igreja foi a de “*ser*

lançado no fogo da geena (ou inferno) onde há pranto e ranger de dentes”. Nem sempre foi bem compreendida por ser tomada à letra. Trata-se de uma imagem catequética que os profetas e Jesus usaram a partir de uma situação da vida real. De facto perto de Jerusalém havia o vale da geena onde se deitava o lixo da cidade e os cadáveres dos inimigos mortos em batalha. Aí havia um fogo permanente que queimava o lixo. Com esta imagem de acontecimentos históricos queria-se ilustrar a perdição definitiva. A perda da vida eterna com Deus e o fracasso total da existência e o maior dos sofrimentos.

O inferno como perdição não é criação de Deus. É fruto da liberdade do homem que é chamado a optar entre a vida e a morte, o amor e o egoísmo. O Amor oferecido por Deus exige ser livremente acolhido. Muitas vezes falou-se demasiado do inferno como uma coisa exterior e posterior à vida do homem, como o grande espantinho dos homens. Mas o inferno é feito pelas nossas próprias mãos, já nesta vida. É a forma de ser e de viver daquele que escolheu para si próprio o caminho do egoísmo, do desprezo do outro, da injustiça, da opressão que é caminho de perdição. Não é verdade que nas situações de crueldade, nos abismos de miséria, desentendimentos e desespero dizemos que é uma vida infernal, ou, isto é um inferno? Quer a parábola do rico avarento (Lc. 16, 19). Quer a parábola do juízo final (Mt.28) mostram-nos que há uma maneira de viver a vida, de evitar ou desprezar o outro, de usar os bens da criação que pode levar ao inferno, à perdição.

As várias advertências da Sagrada Escritura sobre o inferno pretendem fazer-nos tomar consciência da seriedade da nossa vida, das nossas opções e das consequências das nossas acções, em ordem à conversão e à vida eterna. Por isso nem a Sagrada Escritura, nem a tradição da Igreja afirmam que algum homem esteja, de facto condenado. A nós é-nos apresentado o inferno como possibilidade real a ter em conta, juntamente com a oferta da conversão.